



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

A PRÁTICA DA GINÁSTICA GERAL PARA JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: A EXPERIÊNCIA DO LAEFA/CEFD/UFES

Michelly de Menezes Garcia, acadêmica, UFES
Aron de Oliveira Pereira Vilete, acadêmico, UFES
Karolina Silva Mattos, acadêmica, UFES
Rodrigo Pimentel de Carvalho Lopes, acadêmico, UFES
Maria das Graças Carvalho Silva de Sá, doutora, UFES

RESUMO: Pesquisa Qualitativa objetivando descrever/analisar, o ensino da Ginástica Geral enquanto ferramenta potencializadora aos processos inclusivos de jovens e adultos com Deficiência Intelectual. Constitui-se enquanto uma Pesquisa Ação-Colaborativa. Os sujeitos são oriundos da APAE Vitória/ES e da comunidade, totalizando 30 alunos. Na coleta de dados, utilizamos os diários de campo, relatórios finais, fotografias e um grupo focal realizado com os responsáveis pelos alunos. Os resultados apontam que a prática da GG, quando focada na interação social, relação comunicativa e formação dos sujeitos, potencializa a apropriação e (re)significação dos conhecimentos, auxiliando-os no estabelecimento de uma relação qualitativa com o meio sócio-cultural.

INTRODUÇÃO

Trata-se de uma pesquisa que objetiva descrever e analisar a experiência do ensino da Ginástica Geral (GG) enquanto uma ferramenta potencializadora aos processos inclusivos de jovens e adultos com Deficiência Intelectual.

Esta pesquisa foi concebida a partir de uma experiência concreta no processo de ensino-aprendizagem da Ginástica Geral para jovens e adultos com deficiência intelectual, matriculados no projeto de extensão intitulado “*Prática pedagógica em Educação Física para pessoas com deficiência intelectual*”, realizado no Laboratório de Educação Física Adaptada - LAEFA/CEFD/UFES - desde 2009.

A opção pela Ginástica Geral (GG)¹ ocorreu, pois esta é prática corporal que possibilita o trabalho em grupo, a liberdade de expressão, o desenvolvimento da criatividade e a utilização de materiais não convencionais ou alternativos, o que permite apropriar-se de elementos da ginástica circense. Sendo neste contexto de vivência em grupo, que os valores e as relações sociais são desenvolvidas, possibilitando a experimentação de novas e diferentes formas de convivência e sociabilidade.

¹ Aqui compreendida como uma forma de linguagem corporal que possibilita o desenvolvimento do homem em todos os seus domínios: afetivo, corporal, social, cognitivo, etc, foi neste sentido que concebemos o quanto esta prática corporal propicia aos alunos se conhecerem em diferentes dimensões, ampliando assim, sua percepção acerca do próprio corpo (MARCASSA, 2004).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte

XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Segundo Marcassa (2004), quando nos referimos às práticas corporais, estamos falando de uma forma de linguagem não verbal, mas repleta de sentidos e significados visto que nosso corpo carrega traços da cultura, onde os gestos e os movimentos tornam-se um “[...] campo fértil através do qual podemos conhecer e intervir sobre a realidade” (p.174). Ainda de acordo com a autora, a possibilidade de saber/conhecer acerca das características do próprio corpo e dos movimentos que ali emergem, são fatores cruciais na construção da autonomia² dos envolvidos.

Neste bojo, a GG proporciona ao envolvidos um vasto leque de atividades físicas orientadas para o lazer, fundamentadas nas diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica, etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes, pois “[...] está aberta para a participação de todos, privilegiando os trabalhos em grupo” (AYOUB, 2004, p. 54), apóia-se também na compreensão de que esta “[...] manifesta-se de modo articulado com as aspirações, projetos e relações existentes em nossa sociedade e, em qualquer circunstância, é uma forma de expressão não verbal de valores, idéias, concepções, saberes e práticas sociais” (MARCASSA, 2004, p. 173).

Outra relevância significativa da GG, refere-se ao caráter não competitivo que esta prática corporal assume, proporcionando a participação de todos dentro de suas possibilidades, limites, vivências, potencialidades e ideais. Pois esta é “[...] uma atividade regular dentro de um contexto de entusiasmo e de jogo, e a participação é, sobretudo, determinado pelo prazer de praticar” (AYOUB, 2004, p.39). Outras características como a simplicidade de movimentos, a participação irrestrita, a integração entre os indivíduos, o desenvolvimento da criatividade, entre outros, propiciam a disseminação dessa prática corporal e orientam esta para um trabalho inclusivo, democrático e criativo (NUNOMURA; TSUKAMOTO; 2009).

Como eixo norteador da ação pedagógica, utilizamos a abordagem crítico emancipatória proposta por Elenor Kunz (1998) por conceber nesta uma significativa ferramenta no sentido de “[...] preparar o aluno para uma competência do agir” (p.139). Ainda de acordo com o autor, o professor tem a função de desafiar os seus alunos ao diálogo, esperando sempre uma resposta no âmbito individual ou coletivo. Cabe ressaltar, que nas aulas de Educação Física não apenas a linguagem verbal ganha destaque, mas todo o ser corporal, o ‘se movimentar’, são considerados uma forma de linguagem, utilizada pelo homem como uma maneira de comunica-se com o mundo (KUNZ, 1998).

² “Autonomia é a condição de domínio no ambiente físico e social, preservando ao máximo a privacidade e a dignidade da pessoa que exerce” (GUIMARÃES, 1994, apud SASSAKI, 1997, p.36).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física
Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Ao direcionarmos nossas considerações para o âmbito da Educação Física brasileira, identificamos um momento profícuo para transformação, construção e (re) significação dos conhecimentos e práticas corporais, visto que esta área do conhecimento vem promovendo ações no sentido de sua universalização em todos os segmentos de nossa sociedade.

Ainda de acordo com a recomendação da Declaração de Salamanca (1994), importante documento que ajudou a deflagrar o movimento de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais na década de 1990 em ambiente escolar comum, preconiza que a educação de crianças com deficiência deve começar o mais cedo possível, com matrículas nas escolas de educação infantil, para que as crianças, sem os estigmas socioculturais, aprendam a conviver e respeitar as diferenças ao longo de seu processo de desenvolvimento.

Aprofundando um pouco mais o debate, ao refletirmos acerca dos processos de Educação/Educação Física Adaptada com base na Carta Internacional de Educação Física da UNESCO (1978) ao preconizar que a prática da Educação Física é um direito de todos, e seus programas devem dar prioridade principalmente aos grupos menos favorecidos da sociedade, vislumbramos ainda muitos desafios a fim de se garantir o acesso e a permanência qualitativa dos alunos com deficiência nos ambientes educacionais. De forma que no âmbito das aulas de Educação Física este contexto não se diferencia.

Em nosso entender, para se minimizar/superar tais desafios, urge a promoção de ações pedagógicas direcionadas para um trabalho inclusivo e democrático com foco na formação humana dos envolvidos a partir de situações concretas de aula que tomem a autonomia dos alunos, auxiliando os mesmos na apropriação e (re) significar dos conhecimentos que possibilitem o máximo de independência necessária para constituir as relações com o meio sócio-cultural e sócio-educacional.

Ao encontro desta perspectiva, o Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA) localizado no CEFD/UFES vêm se constituindo desde 1995 como um importante agente na formação profissional dos acadêmicos, na produção de conhecimentos científicos e nos projetos de extensão ofertados para a comunidade, tendo com público alvo crianças, jovens e adultos com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs).

METODOLOGIA

O estudo em tela assumiu como eixo central de suas ações no âmbito teórico-metodológico a Pesquisa Ação Colaborativa, pela possibilidade que esta perspectiva oferece a todos os envolvidos (professores, estagiários, pesquisadores, alunos e familiares em geral) atuarem de maneira compartilhada na produção de saberes e fazeres pedagógicos. Para tanto toma a ação colaborativa entre professores e pesquisadores, mediada pela relação dialógica, que se materializa nos círculos reflexivos, em que os sujeitos envolvidos no processo de intervenção pedagógica são co-produtores de conhecimentos. O foco de interesse desta abordagem de pesquisa



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física
Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

centra-se na produção de conhecimentos e nos processos de formação, reconciliando essas duas importantes dimensões da pesquisa em educação/ Educação Física.

Em Ibiapina (2008, p.23), a pesquisa colaborativa se constitui em

[...] uma prática alternativa de indagar a realidade em que pesquisadores e educadores trabalham conjuntamente na implementação de mudanças e na análise dos problemas, compartilhando a responsabilidade na tomada de decisões e na realização das tarefas de investigação.

Os sujeitos participantes do projeto são cerca de 30 jovens e adultos com deficiência intelectual, oriundos da APAE de Vitória/ES e da comunidade. As intervenções ocorreram às quintas feiras, sendo que um grupo de 15 alunos eram atendidos entre 14:00 e 14:50 horas e o segundo grupo também composto por 15 alunos eram atendidos entre 15:00 e 15:50 horas. Ao longo do segundo semestre de 2011, foram desenvolvidas 10 intervenções realizadas na sala de Ginástica Olímpica do CEFD/UFES. Para além das intervenções, tomamos como meta a elaboração de uma composição coreográfica apresentada ao final das atividades, onde demos visibilidade ao momento de protagonismo dos alunos.

No momento do atendimento, os estagiários assumiram as seguintes funções: dois dividem a coordenação das aulas e um realiza a videogravação das aulas. Após cada aula, professores, estagiários e pesquisadores refletiam sobre os procedimentos didático-metodológicos utilizados naquele dia e planejam as próximas intervenções tomando como eixo destas discussões as impressões, proposições e percepções captadas na aula anterior, refletindo, assim, sobre os problemas que surgem, organizando e reorganizando as atividades de aula de acordo com o interesse dos envolvidos. Esse procedimento assegura a seqüência de uma aula para a outra, mantendo a coesão do desenvolvimento do conteúdo, o que representa, em nosso entender, um aspecto importante para o processo ensino-aprendizagem.

A coleta de dados se deu por meio do registro das aulas em diários de campo, relatórios finais solicitados aos estagiários, fotografias, videogravações, além da realização de um grupo focal, aplicado no início de novembro, com os pais e/ou responsáveis pelos jovens e adultos.

Os dados foram analisados/discutidos com base na Análise de Conteúdos (BARDIN, 2004) pela possibilidade que esta técnica nos possibilite juntamente com o referencial teórico, compreender, efetivamente a contribuição da Ginástica Geral aos processos inclusivos de jovens e adultos com deficiência intelectual.

No que se refere à triangulação dos dados coletados, consideramos para registro e análise os momentos de aula com foco no compartilhamento entre o aluno com deficiência e seus colegas, o processo de organização, execução e avaliação das aulas, a importância da experiência em tela para os diferentes processos de desenvolvimento dos alunos com deficiência intelectual investigados.

A matriz teórica para análise dos dados está baseada nos estudos da educação física no âmbito da educação inclusiva e nos processos de aprendizagem e desenvolvimento preconizados por autores da abordagem histórico-cultural.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

A partir destes pressupostos elencamos as seguintes categorias de análises:

1. O ambiente e as suas interações;
2. Mudanças comportamentais e atitudinais observada nos alunos ao longo do processo;
3. Mediação pedagógica.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Consideramos neste momento apenas uma categoria de análise. Esta centra-se no debate acerca do ambiente e as suas interações. Para tanto, buscaremos discorrer e analisar, de que modo o ambiente se constituiu enquanto um elemento potencializador para o processo de interação/socialização dos alunos; com os próprios alunos e, como os professores/ monitores.

Neste movimento, retomamos o conceito de GG enquanto uma prática corporal que valoriza a participação de todos dentro dos seus limites, ideais, possibilidades e potencialidades, dentro dessa perspectiva Ayoub nos apresenta que “[...] a ginástica geral esta aberta para a participação de todos, privilegiando os trabalhos em grupo” (2004, p.54). Ainda nesta perspectiva, vislumbramos que a GG por si só, já é uma prática que facilita a interação entre os indivíduos, por ser uma prática caracterizada pelo prazer em praticar, pela liberdade de expressão, diversão, dentre outros fatores, sabemos, porém, que ela não pode ser algo isolado.

Partindo dessa premissa, optamos por potencializar o nosso ‘ambiente’, de modo que este se constituísse enquanto em elemento contributivo para as trocas/relações sociais. Dentre os elementos elencados enquanto potencializadores destacaremos: a música e a relação comunicativa estabelecida entre professores e alunos, tanto no plano individual quanto no plano coletivo.

A opção pela música no ambiente adveio, pois, anteriormente, delimitamos como tema das nossas intervenções a ginástica com elementos circenses, deste modo, elencamos algumas músicas que continham a temática circo para perpassar a nossas intervenções, com o intuito de focalizar qual era o tema do projeto. Ocorreu que música se constituiu enquanto um elemento potencializador do processo de socialização dos sujeitos. Como é possível observar no registro seguinte:

- “Durante essa intervenção observei que, sempre que a música se faz presente há uma grande mobilização por parte do grupo em participar da atividade. O aluno T. que de início estava bem quieto acabou no decorrer da atividade se soltando e foi possível observar ele por diversas vezes sorrindo e interagindo com alguns monitores” (Diário de campo, nº2, 01/09/2011).

Nota-se, que nessa narrativa a música se constituiu enquanto um estímulo para que o grupo participasse efetivamente das atividades, favorecendo deste modo as trocas e inter-relações, assim como em relação ao aluno T, que de início estava quieto e depois



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte

XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

foi 'se soltando', de modo que ele participasse da aula sorrindo e interagindo com os demais monitores.

Outro elemento identificado no ambiente como potencializador das relações/trocas foi à relação comunicativa estabelecida entre os alunos, e os mesmos com os seus professores. Cabe ressaltar, que a relação comunicativa³, não está pautada apenas no que se referem à linguagem oral, mas nas diversas manifestações que esta possui.

Esse processo comunicativo estabelecido entre os envolvidos foi fundamental para que eles se sentissem enquanto sujeitos daquela ação, pois por meio dessa troca era possível observar e analisar as demandas solicitadas pelo grupo, que posteriormente eram utilizadas como eixo norteador para desenvolvermos as próximas ações. Outro fator é que essa relação propiciou a aproximação dos alunos/sujeitos, e os mesmos com os professores, esse movimento auxiliou de maneira significativa no processo de interação de todos os envolvidos. Como nos apresenta Kunz et al (1998, p.27) são as "[...] interações que contribuem para o desenvolvimento da competência social do aluno, competência necessária não apenas para o sentido de cooperação e participação ativa e crítica no mundo, mas, também, nas relações imediatas entre professor e aluno".

Corroboramos ainda com Vygotsky, quando ele nos aponta que "[...] qualquer modalidade de interação social, quando integrada num contexto realmente voltado para a promoção do aprendizado e do desenvolvimento, poderia ser utilizada, portanto, de forma produtiva na situação escolar" (apud, OLIVEIRA, 1993, p. 64).

Neste bojo, trazemos em tela duas falas coletas no grupo focal realizado com pais e/ou responsáveis pelos jovens e adultos.

- Eu vejo, que vocês vão lá pegam e trazem para junto, levam eles pra fazer as atividades como se não tivesse nenhuma deficiência, é o modo como vocês vão vendo, tratando, como se fosse uma pessoa normal. Então a gente acha que eles não percebem quando são olhados diferente, mas quando alguém trata eles diferente eles percebem, eles percebem sim" (Responsável pelo aluno L, grupo focal, 10/11/2012).

- [...] os projetos são maravilhosos, as pessoas são ótimas, são carinhosas, eles tem aquele 'tcham' pra lidar com as 'crianças', eles gostam de estarem aqui, eles vem pra cá porque gostam, então todas as outras coisas acontecem pelo fato de eles gostarem de estar aqui" (Responsável pela aluno J, grupo focal, 10/11/2012).

Conclui-se, então, que essa relação comunicativa estabelecida entre os envolvidos foi fundamental para o processo de socialização dos sujeitos, de modo que esta troca/relação contribui efetivamente para o processo de construção da autonomia dos mesmos, qualificando, assim, as relações sócio-culturais e sócio-educacionais destes no meio. Como nos apresenta Kunz (1991), toda ação pedagógica deve ser compreendida "como uma ação socialmente regulamentada onde, no entanto, os participantes nas

³ "Por Ação Comunicativa denominamos aquelas ações que têm a sua finalidade nos próprios sujeitos participantes da mesma; que não provém de um domínio natural dado (também não é uma 'produção'), mas que pretende alcançar a compreensão sobre o Sentido e os Objetivos das Ações" (MOLLENHAUER, apud KUNZ, 1991, p.138)



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

interações, de ambos os lados, devam ser considerados como sujeitos dessa ação” (p.138).

CONSIDERAÇÕES

Os dados evidenciaram a significativa contribuição da Ginástica Geral enquanto uma ação pedagógica pautada em ações inclusivas e democráticas, com foco na interação social, na relação comunicativa e formação dos envolvidos, potencializando os processos de apropriação e (re) significação dos conhecimentos, contribuindo assim, para que os sujeitos estabeleçam uma relação qualitativa com o meio social-cultural.

REFERÊNCIAS

- AYOUB, Eliana. **Ginástica Geral e educação física escolar**. 2 ed. Campinas: Unicamp, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade**. Salamanca, Espanha, 1994.
- IBIAPINA, I. M. L. M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.
- KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.
- _____; (Org). **Didática da Educação Física 1**. Ijuí:Unijuí, 1998.
- MARCASSA, L. **Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas**. Vol 7, nº4, 2004.
- NUNOMURA, M; TSUKAMOTO, M. H. C. **Fundamentos das Ginásticas**. 1. ed. Jundiaí: Fontoura, 2009. v. 1. 240 p.
- OLIVEIRA, M. K. de **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo, SP: Editora Scipione, 1993.
- UNITED NATION EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Carta Internacional da Educação Física e do Desporto**. 1978.